

Diário do jovem Paulo

DIÁLOGO COM DANIEL SAMPAIO SOBRE O SUICÍDIO JUVENIL



A leitura do diário de Paulo impressiona. A partir dele, Daniel Sampaio investigou este caso. Descreve-o em *Vozes e Ruídos*. Paulo, 22 anos, inteligente, sensível, procurava um sentido para a vida, «facto que parece ter conseguido em contacto com a natureza». Fez umas férias em Sintra e tencionava regressar a Chaves numa sexta-feira, 23 de Agosto de 1991. O suicídio dá-se entre essa sexta-feira e sábado.

Numa análise retrospectiva, admite-se que Paulo sofria de esquizofrenia. De todos os seus escritos «ressalta a procura de um sentido de harmonia universal, num fundo de religiosidade sempre presente e provavelmente vivida com angústia e ambivalência».

O livro *Vozes e Ruídos*, de Daniel Sampaio — que tem a colaboração dos especialistas Nazaré Santos, Pedro Levy, Pedro Varandas e Ângelo Vieira de Sousa — ajuda a entender muitas das perturbações na adolescência.

O que é a esquizofrenia? Psicose, que, de um modo geral, se inicia na adolescência. Perturba diferentes áreas da atividade psicológica e «pode evoluir no sentido da deterioração progressiva das capacidades».

Fatores de risco? Entre os mais relevantes: genéticos e outros psicossociais.

Sinais de alerta?

«A esquizofrenia pode iniciar-se subitamente, situação menos frequente, em que a pessoa manifesta, em escassos dias, uma rutura com a realidade». As situações de maior dificuldade de diagnóstico prendem-se, todavia, com o processo «lento e insidioso». O jovem isola-se cada vez mais e vai perdendo «iniciativa e motivação».

Todas as perturbações traduzem esquizofrenia? «Importa distinguir um alheamento transitório, um período de desinteresse ou uma bizzaria de vestuário própria da moda... de uma doença com a gravidade da psicose esquizofrénica». Tratamento desta psicose? «Existem conhecimentos que permitem controlá-la na grande maioria dos casos. É de particular relevância a deteção e início precoce do tratamento».

O drama de sexta-feira à noite

Há neste momento uma grande confusão sobre o papel dos filhos e dos pais. Daniel Sampaio considera que «as famílias oscilam entre dois extremos: ou os pais são demasiado autoritários e limitam a sua relação com os filhos, ou tornam-se exageradamente permissivos, deixando que os filhos comandem a vida familiar. Esses dois extremos são, hoje, frequentes, pelo menos na região de Lisboa».

Como sair desta? Um dos grandes conflitos entre pais e filhos chama-se, atualmente, *sexta-feira à noite*. Prende-se com as saídas ao fim-de-semana. «É necessário respeitar uma maior participação dos filhos, mas não podem ser eles os únicos a decidir. Tudo deve ser falado, tem de haver regras».

Os pais ganham medos. Há sempre exemplos assustadores. A partir de que idade poderá ser legítimo e indispensável dar um voto de confiança a um adolescente para ir à noite com os amigos?

«É variável de família para família. Porventura, aos 15 ou 16 anos. Desde que o assunto seja combinado com os pais, julgo não haver inconvenientes». Que costuma suceder? «Muitos pais proíbem as saídas. Resultado: o *jogo* das escondidas, e, a partir de um cenário destes, a família vai de conflito em conflito». Daniel Sampaio recorda um caso que acabara de acompanhar: «O filho

a querer decidir tudo, os pais quase a deixarem-se bater...» Este jovem tinha um diagnóstico: psicopata. «E não é nada disso. Foi uma família que se desorganizou. Quando este rapaz entrou na adolescência, deram-lhe uma liberdade sem limites. Tem 17 anos, mau aproveitamento escolar e, pior, não fala com os pais sem ser aos insultos».

Como é possível? «Porque os pais perderam, a dado momento, a possibilidade de se fazerem respeitar». Culpa de quem? «Nem dos filhos nem dos pais. É do sistema familiar, que se desorganizou».

Será que o sistema familiar português é mais desorganizado do que outros? «Há muitas dificuldades com os jovens como noutras sociedades, mas não creio que as nossas famílias sejam mais desorganizadas. Somos, até, por natureza, mais afetivos».

Para Daniel Sampaio, gera-se outra confusão acerca da crise da adolescência. «Temos muitos jovens com depressões graves ou esquizofrenia, que andaram sem tratamento adequado anos a fio, por convencimento de que eram problemas da idade. E dá-se, também, o contrário: jovens tidos como doentes e que, afinal, precisam de outro acompanhamento, porque os seus problemas são familiares e sociais».

Portugal tem cerca de cem mil esquizofrénicos. É uma doença sobretudo das idades jovens. Começa, regra geral, na adolescência e manifesta-se até aos 35 anos, sendo rara a partir daí. Apesar da sua complexidade, a esquizofrenia, se atempadamente diagnosticada, pode controlar-se. Mas a colaboração da sociedade é imprescindível. (Cerca de dez por cento dos doentes de esquizofrenia procuram suicidar-se).

É sabido, entretanto, que têm aumentado as tentativas de suicídio na adolescência, ato muito ligado à depressão e com maior incidência em estratos sociais desfavorecidos. Os fatores de riscos são, no entanto, diversos, entre eles, a toxicodependência. Em 1992, dos 5 aos 29 anos, registaram-se, em Portugal, 140 mortes por suicídio (segundo dados do Instituto Nacional de Estatística); em 1991, o número de óbitos por suicídio (5 aos 29 anos) totalizou 152. Na população em geral, houve, em 1992, 866 suicídios, enquanto em 91 foram 942. As estatísticas mostram um decréscimo em termos de óbito, o que não traduz, porém, a atual realidade das tentativas crescentes de suicídio. As mortes por

suicídio incidem mais nos homens, mas admite-se que as mulheres atentem mais contra a vida. Especialistas realçam que uma grande parte do ato suicidário não corresponde a mortalidade, mas não deixa de ser preocupante. As próprias estatísticas podem ficar aquém, por muitos casos serem considerados acidente.

Sempre um alerta

Daniel Sampaio, coordenador [1993] do Núcleo de Estudos do Suicídio do Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria, de Lisboa, considera «bastante complexa a tentativa de suicídio na adolescência». Na maior parte dos casos, traduz um apelo sem grande risco de vida. Mas é um alerta. Há, por outro lado, situações extremamente graves. Ambos os casos «significam um desejo de comunicar». Radica nesta perspetiva, aliás, um dos livros do professor Daniel Sampaio, *Ninguém Morre Sozinho* — obra para ler e reler, à qual se juntou *Vozes e Ruídos — Diálogos com Adolescentes*, «uma janela aberta», por onde devemos olhar.

Na maioria, a tentativa de suicídio não se repete — diz Daniel Sampaio, «mas, frequentemente, o adolescente continua com problemas, sobretudo em termos de amor, sexualidade e família. A intervenção terapêutica resolveu a crise do suicídio mas não superou outras dificuldades».

Apesar de todos os *choques* e *desencontros*, a família responde bem à chamada do terapeuta? «Colabora de uma forma significativa e muito positiva».

Em que medida fatores exteriores à família podem influenciar e determinar filhos e pais para comportamentos desajustados? «Há muitas influências. Procuramos atenuá-las. Nesse aspeto, competiria também à escola encontrar novos modos de atuação, quer na transmissão de conhecimentos, quer no acompanhamento das transformações que são necessárias realizar-se na adolescência».

A escola está distante? «De uma maneira geral, não favorece a autonomia dos jovens. O diálogo é raro».

Mas não é verdade que os jovens pendem mais para falar com os amigos do grupo? «É verdade, mas não impeditivo de reuniões diferenciadas. Haverá questões que eles não colocam aos professores nem aos pais, por fazerem parte de uma intimidade que deve ser respeitada, mas coisas como tempos livres permitem iniciativas estimulantes. Se conseguirmos motivá-los para projetos de

que gostem, será um dos principais passos na prevenção da droga. E tem de começar aos 10-11 anos, antes que entrem noutros circuitos».

A pior coisa — diz Daniel Sampaio — «é ter um jovem desocupado, desmotivado. Por isso o ensino precisa de outra dinâmica. Trabalhar, por exemplo, a partir de problemas. Apresentar-lhes questões e levá-los a estudar uma solução. Os jovens são empreendedores e expressam-se numa linguagem diferente, mas muito rica».

Diz-se que temos uma geração de tecnologias, que não lê... «Uma geração que lê menos, é incontestável. Mas uma geração capaz de se apaixonar por um autor, por muitos temas em que encontram identidades. Podem ser estimulados a ler. Dependerá dos estímulos».

Prevenir a tempo

Qual o maior dilema da juventude? «A ausência de um projeto pessoal», assegura Daniel Sampaio.

Mas não vivemos uma competitividade quase feroz? «Enorme, em busca de um estatuto social, na luta por um bom emprego sem contar com a realização individual, o que é mau. E, no entanto, se aprofundarmos a sensibilidade da maior parte desses jovens, nada disso corresponde aos seus ideais mais profundos». Daniel Sampaio refere sinais de uma atitude já um pouco diferente de há dois ou três anos, quando a opção de curso se fazia por áreas que garantissem êxito e dinheiro. Mas a ausência de um projeto pessoal é, ainda, uma realidade.

E como vai a saúde mental deste País? «Estamos a assistir a transformações. Os antigos centros de saúde mental foram integrados na rede dos hospitais. Considero-a, genericamente, uma medida positiva, mas que tem enfrentado dificuldades práticas. Esses centros funcionavam muito próximo das comunidades. E os hospitais portugueses, embora o devam fazer, não têm essa tradição».

O caminho será esse? «É absolutamente essencial que se vá por aí. Sou a favor da psiquiatria como especialidade sediada nos hospitais e sempre em contacto com outras especialidades. Mas também sou a favor de uma vertente da psiquiatria próxima das comunidades».

Como podem conciliar-se esses objetivos? «Mais verbas para a saúde mental. A prevenção das doenças mentais na adolescência tem de fazer-se no Ciclo Preparatório, entre os 10 e os 13 anos. O grande esforço de prevenção deverá convergir para aí, ao nível da toxicodependência, do suicídio e das dietas (uma obsessão especialmente nas raparigas), sugeridas por estereótipos, sem qualquer apoio clínico».

Os jovens são hoje diferentes? Diferentes como tudo e como sempre. Vamos *curtir* uma de diálogo?

Heroína não é café

A primeira batalha a travar no combate à droga terá de ser a despenalização do consumidor, sublinha Daniel Sampaio. A partir daí, advoga experiências de administração controlada pelo médico, no caso de toxicodependentes que já fizeram diversas tentativas para se libertarem da droga e não o conseguiram. «Defendo isto em casos limite, à semelhança do que se verifica na Suíça e na Holanda. É uma questão controversa, mas a única forma de acompanhar o doente até o motivar para outro tratamento, evitando situações de maior risco, como infeções e o próprio tráfico».

Daniel Sampaio acentua que a liberalização controlada não poderá, todavia, realizar-se isoladamente: «Tem de ser uma ação articulada com a Comunidade Europeia». Qual a *fronteira* entre liberalização controlada e a liberalização? «Liberalização é a droga poder entrar em todos os circuitos. Sou contra». E diz ser importante explicar às pessoas que a heroína não é igual ao café. Uma pessoa morre de uma *overdose* de heroína, mas, em princípio, não morre afogada em café...»

Acreditará num eficaz combate à droga quando estamos perante um negócio que rende milhões, manipula consciências, anula indivíduos e serve tantos impérios? «É verdade tudo isso, e mais um argumento a favor da despenalização do consumidor». Daniel Sampaio crê, por outro lado, que o «fenómeno» da droga será ultrapassado. Fundamenta a sua esperança: «A droga corresponde, em grande medida, a uma situação de muito desencanto social. Mas as sociedades evoluem por ciclos e atravessam fases, umas mais depressivas outras eufóricas. Estamos num período social difícil e não há de ser sempre assim».

A toxicodependência atinge todas as classes sociais. Para Daniel Sampaio, a droga deve ser olhada de frente e não se resolve com uma resposta ao lado. Diz que ninguém deve sentir-se culpado por ter um filho toxicodependente. «Pode acontecer numa família ou escola que funcionem bem. Urge desenvolver a prevenção e tratamento e promover o bem-estar da pessoa como um todo».

© *MARIA AUGUSTA SILVA*